

## O CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE

*“A terra de Israel é o local de origem do povo judeu. Aqui a sua identidade espiritual, política e religiosa foi moldada. Aqui eles primeiro atingiram a formação de um estado, criaram valores culturais de significância nacional e universal e deram ao mundo o eterno Livro dos Livros. Depois de serem forçosamente exilados de sua terra, o povo conservou consigo sua fé durante sua Dispersão e nunca deixou de rezar e sonhar com o retorno para sua terra e com a restauração, lá, de sua liberdade política. (...) Impelidos por sua ligação histórica e de tradições, judeus lutaram geração após geração para se restabelecerem em sua antiga terra natal. (...). No dia 29 de novembro de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a resolução do estabelecimento de um Estado Judeu em Eretz-Israel; (...). Este é o direito natural de o povo judeu ser mestre de seu próprio destino, como todas as outras nações, em seu próprio Estado soberano. (...) De acordo, nós, membros do Conselho do Povo (...), estamos aqui reunidos no dia do término do Mandato Britânico sobre Eretz-Israel e, por virtude de nossos direitos naturais e históricos e pela força da resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, aqui declaramos o estabelecimento do estado judeu em Eretz-Israel, a ser conhecido como Estado de Israel.”*<sup>41</sup>

Trecho da Declaração de Independência do Estado de Israel

Segundo a Bíblia, no II milênio a.C., o patriarca Abraão conduziu o povo judeu para a Palestina, terra localizada entre o mar Mediterrâneo oriental e o rio Jordão, que Deus lhes teria prometido. No ano 70 d.C., os judeus foram expulsos do território palestino pelos romanos e dispersaram-se pelo mundo. Em 638, os árabes ocuparam a Palestina, convertendo a população local ao islamismo. No século XVI, a região passou para o domínio dos turcos otomanos, que a mantiveram até o final da I Guerra Mundial, quando o território palestino passou a ser administrado pela Grã-Bretanha, de acordo com um mandato da Liga das Nações.

Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu uma intensa imigração judaica para a Palestina. Os imigrantes, porém, entraram em conflito com as populações muçulmanas locais, que se sentiam ameaçadas pelo fluxo crescente de novos moradores.

Ao término da II Guerra Mundial, para apaziguar a região, a Organização das Nações Unidas (ONU) resolveu dividir a Palestina em dois Estados: um judeu e um muçulmano, com 14.500 e 11.500 quilômetros quadrados, respectivamente. A cidade de Jerusalém seria uma zona neutra, administrada pela ONU.

<sup>41</sup> Disponível em: <[www.taglite.online.com.br](http://www.taglite.online.com.br)> acesso em 12 set. 2007

Quando o mandato inglês terminou, os judeus proclamaram unilateralmente a criação do Estado de Israel, o que não foi aceito pelos árabes e deu início a um intenso conflito. A primeira guerra entre israelenses e árabes, conhecida como “Guerra de Independência de Israel”, deu-se entre maio de 1948 e janeiro de 1949, quando os países membros da Liga Árabe (Egito, Iraque, Jordânia, Líbano, Arábia Saudita, Iêmen e Síria) tentaram pôr fim ao recém-criado Estado judeu.

Mesmo atacados em várias direções, os israelenses saíram-se vitoriosos nessa guerra. Diversos motivos explicam a vitória israelense: a Força de Defesa Israelense (FDI) defendia uma área pequena, com boas comunicações internas, o que facilitou às suas tropas combater em linhas interiores, fazendo frente a ataques procedentes de várias direções; os Estados árabes atuaram de forma descoordenada e isolada, possibilitando a Israel batê-los separadamente; muitos israelenses tinham experiência em combate, pois haviam participado da II Guerra Mundial; e o Estado judeu recebeu enormes quantidades de modernos equipamentos militares da Europa e dos Estados Unidos.

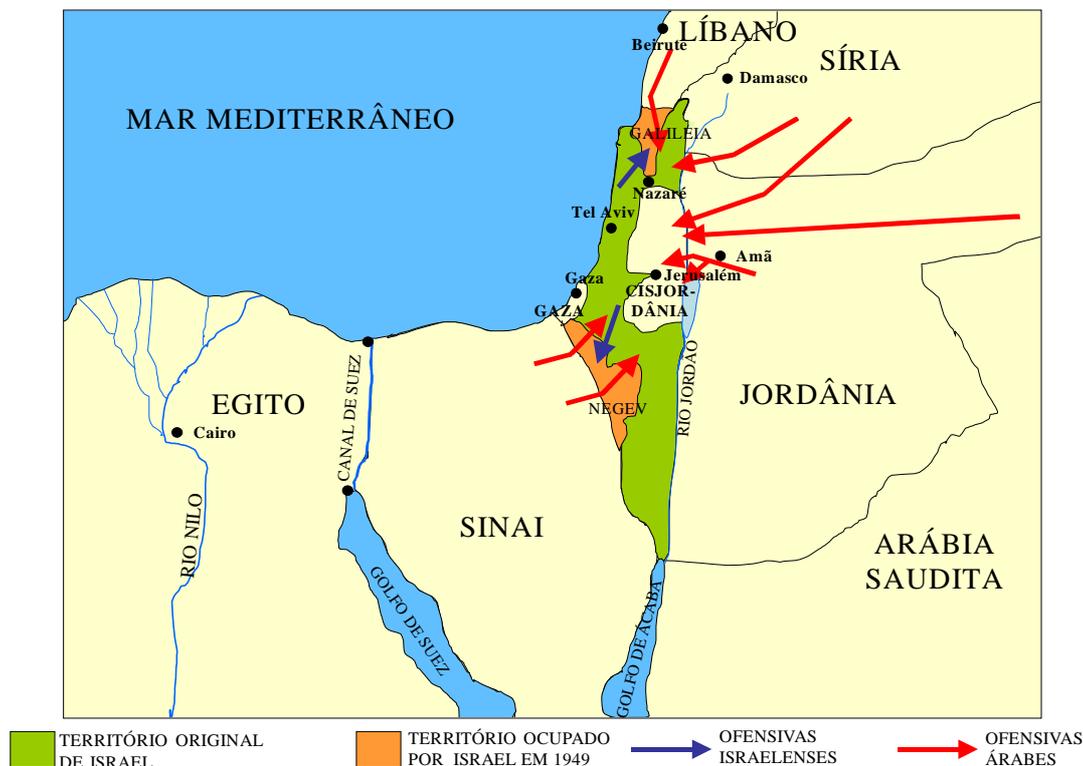
Ao longo da “Guerra de Independência”, os israelenses venceram os sírios e libaneses que os atacavam pelo norte, os iraquianos e jordanianos vindos do leste, e os egípcios, reforçados por tropas sauditas, oriundos do sul. Paralelamente, sufocaram levantes de grupos árabes autóctones na Palestina. Desmoralizados e derrotados, os Estados árabes assinaram armistícios com Israel, entre 24 de fevereiro e 20 de julho de 1949.

Com a vitória, os israelenses ocuparam a Galileia e parte do deserto de Neguev, territórios concedidos originalmente aos árabes palestinos pelo plano de partição da ONU. A Faixa de Gaza e a Cisjordânia, partes restantes do território que deveria dar forma a um Estado árabe-palestino, foram ocupadas pelo Egito e Jordânia, respectivamente. Jerusalém passou a ser administrada, meio a meio, por israelenses (parte ocidental) e jordanianos (parte oriental).

Ao fim da primeira guerra árabe-israelense, a situação ficou ainda mais tensa no Oriente Médio. Os árabes continuaram a não reconhecer a existência de Israel e passaram a articular uma revanche. Os israelenses, por sua vez, não se sentiam ainda seguros; por isso pensavam em ampliar seu território, conquistando áreas consideradas estratégicas para sua defesa. Além disso, milhares de árabe-palestinos que viviam em territórios que passaram a ser ocupados por Israel deslocaram-se para campos de refugiados na Cisjordânia, Líbano, Jordânia, Síria e Gaza, gerando instabilidades na região.

Algum tempo depois, em 1952, militares nacionalistas, liderados por Gamal Abdel Nasser, assumiram o poder no Egito. Em 1956, Nasser anunciou a nacionalização do Canal de Suez, que até então era controlado pela Grã-Bretanha e pela França. O dirigente egípcio também ordenou que sua marinha bloqueasse o golfo de Ácaba, único acesso israelense ao mar Vermelho. Tais ações desagradaram os governos britânico, francês e israelense, que firmaram um plano militar secreto para derrubar Nasser, abrir o golfo de Ácaba à navegação e reassumir o controle do Canal de Suez.

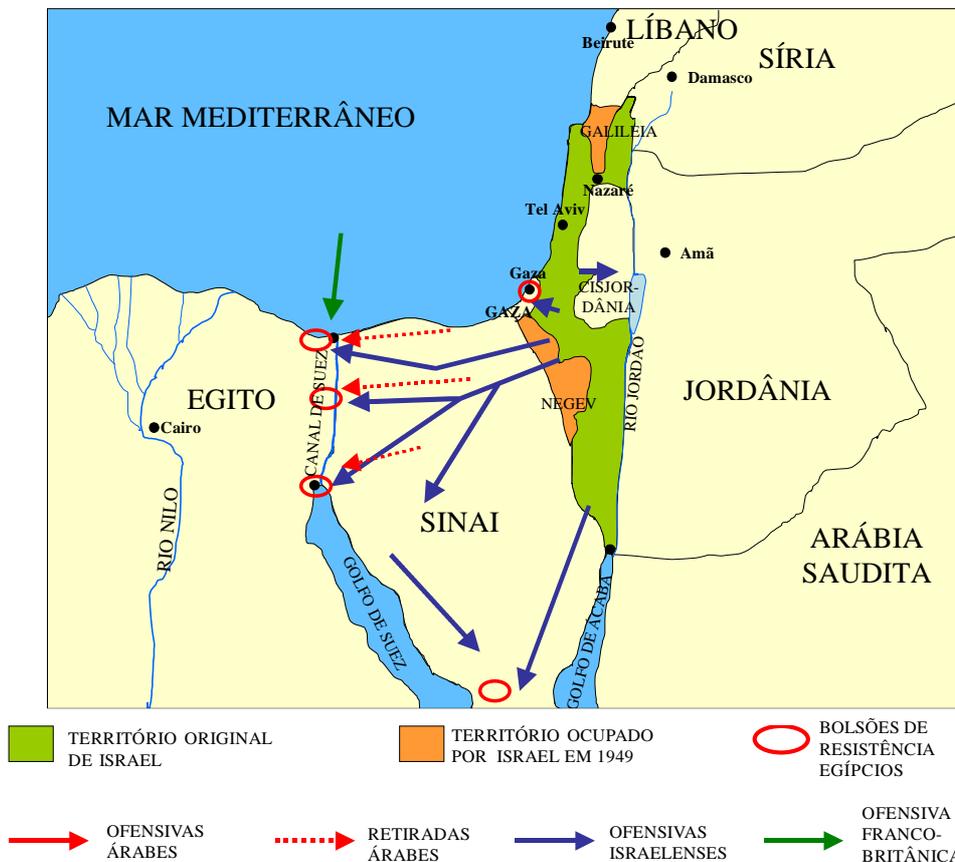
## GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DE ISRAEL



Como parte do plano, em 29 de outubro de 1956, a FDI atacou os egípcios na Península do Sinai, avançando rapidamente em direção ao Canal de Suez. Forças britânicas e francesas, sob pretexto de proteger o Canal de Suez, também invadiram o Egito. Quando tudo indicava que britânicos, franceses e israelenses atingiriam seus objetivos, a União Soviética e os Estados Unidos intervieram, por considerarem os ataques uma violação à independência egípcia. Devido à pressão de soviéticos e norte-americanos, um cessar-fogo foi assinado em 7 de novembro de 1956, e as tropas francesas, britânicas e israelenses retiraram-se do Egito, pondo fim à chamada “Guerra do Sinai”. Os israelenses mantiveram-se nas áreas ocupadas na “Guerra de independência” e conseguiram reabrir o golfo de Ácaba à navegação. Nasser saiu fortalecido do conflito, despontando como um líder que se mostrava capaz de unir os árabes em sua luta contra Israel. Tropas da ONU foram enviadas à região do Canal de Suez, para garantir a precária paz vigente.

Paralelamente aos conflitos, Israel fortaleceu-se economicamente, aumentando, em consequência, sua população e seu poderio. Isso fez com que muitos palestinos muçulmanos deixassem de acreditar que os Estados árabes venceriam o Estado judeu através de operações militares convencionais. Em 1959, um desses palestinos, Yasser Arafat, criou um grupo guerrilheiro denominado “Al Fatah” (Luta), visando executar ataques contra Israel. Em 1964, os Estados árabes criaram a Organização para a Libertação da palestina (OLP), espécie de “governo no exílio”, com a finalidade de coordenar

## GUERRA DO SINAI



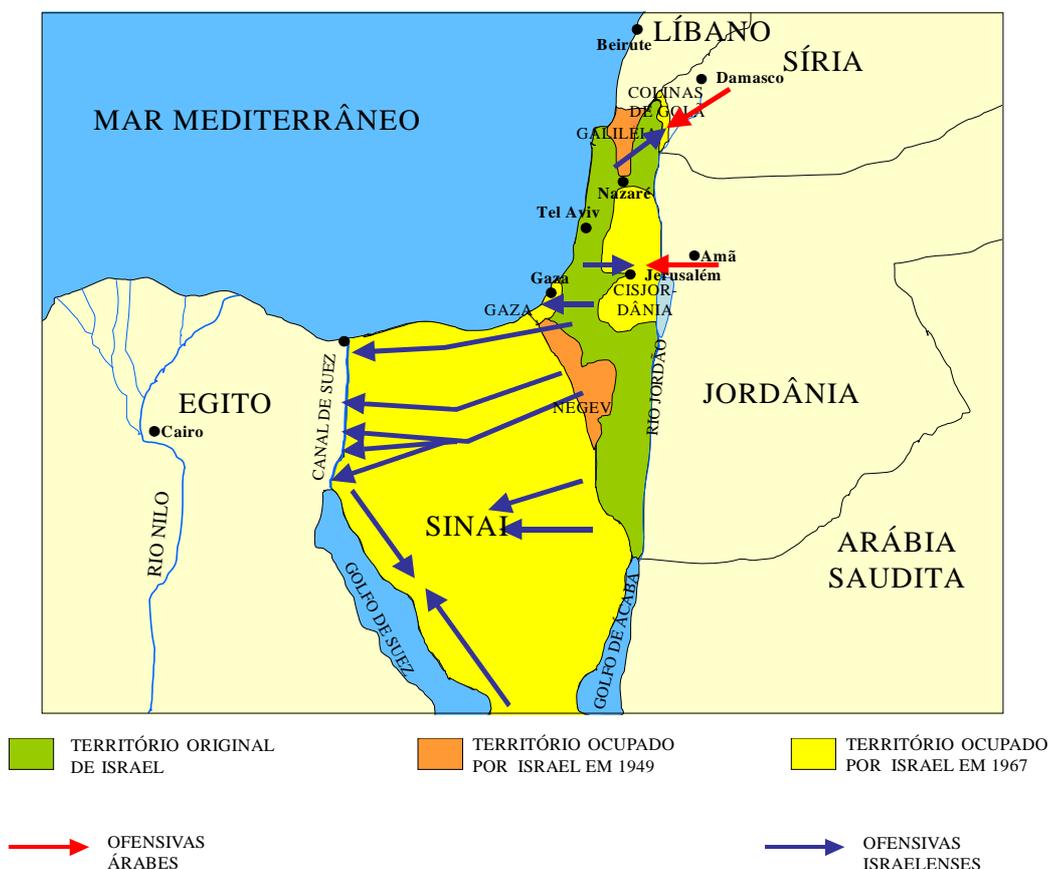
as ações contra Israel e estabelecer um Estado para os palestinos. O “Al Fatah” passou a ser o “braço armado” da OLP, cujo presidente era o próprio Arafat. Posteriormente surgiram outros grupos guerrilheiros, dissidentes do Al Fatah, mas nominalmente subordinados à OLP.

Em 1967, um novo confronto militar de grande amplitude parecia iminente, pois guerrilheiros atacavam Israel, que contra-atacava realizando operações contra bases de guerrilha instaladas em países árabes. Em maio, Nasser enviou suas tropas para o Sinai, ordenou que as tropas da ONU deixassem o canal de Suez e declarou o fechamento do golfo de Ácaba. Temendo sofrer um ataque, os israelenses lançaram uma ofensiva preventiva contra o Egito e seus aliados, dando origem à “Guerra dos Seis Dias”.

A ofensiva israelense começou em 5 de junho de 1967, quando a Força Aérea Israelense (FAI) atacou bases aéreas egípcias, jordanianas e sírias, destruindo grande parte do poder aéreo desses países. Depois de obter a supremacia aérea, os israelenses derrotaram o Exército Egípcio em várias batalhas no Sinai, repeliram uma ofensiva jordaniana sobre Jerusalém e venceram os sírios nas colinas de Golã.

Em 10 de junho de 1967, a guerra foi encerrada, após a ONU intervir. Israel, vitorioso, apossou-se das colinas de Golã, da Faixa de Gaza, da Península do Sinai, da Cisjordânia e da parte oriental de Jerusalém.

## GUERRA DOS SEIS DIAS



A vitória militar dos israelenses, contudo, não foi acompanhada por sucessos políticos e diplomáticos, já que a ONU condenou as novas ocupações israelenses, fato que isolou Israel internacionalmente. Além disso, os Estados árabes e as populações palestinas ficaram ainda mais ressentidos, representando uma ameaça potencial ainda maior à segurança dos israelenses.

Ao longo dos anos seguintes, os beligerantes procuraram reforçar suas forças armadas e sistemas defensivos, ocorrendo muitas escaramuças entre egípcios e israelenses no Canal de Suez. Enquanto isso, o grupo “Al Fatah”, para promover sua causa, desencadeava atentados terroristas contra Israel.

Em 6 de outubro de 1973, no feriado judeu do Yom Kippur (Dia do Perdão), o Egito e a Síria lançaram, de surpresa, potentes ofensivas contra Israel, tendo em vista recuperar os territórios perdidos na Guerra dos Seis Dias. Os egípcios, contando com modernos equipamentos militares fornecidos pelos soviéticos, atravessaram o Canal de Suez, romperam as linhas defensivas israelenses e avançaram pelo Sinai. Enquanto isso, os sírios, reforçados por contingentes iraquianos, atacaram as colinas de Golã.

Refeitos da surpresa, os israelenses contra-atacaram, derrotando seus inimigos em sangrentos combates. Embora os sírios e egípcios contassem com modernos ca-

ças e sistemas de mísseis antiaéreos de origem soviética, a Força Aérea de Israel, graças à habilidade de seus pilotos e ao alto desempenho de suas aeronaves, obteve a superioridade aérea, o que foi muito relevante durante as operações.

A partir de 14 de outubro a iniciativa coube aos israelenses, que passaram a ameaçar o Cairo, a capital egípcia, e Damasco, a capital síria. Novamente os Estados Unidos, a União Soviética e a ONU intervieram, e um cessar-fogo foi assinado em 22 de outubro. Israel vencera novamente, mas desta vez suas perdas humanas foram elevadas em relação aos conflitos anteriores. Os limites territoriais permaneceram os mesmos.

Depois da Guerra do Yom Kippur, o presidente norte-americano Jimmy Carter passou a mediar um tratado de paz entre o Egito e Israel, que foi assinado em Camp David, em 26 de março de 1979, pelo Primeiro-Ministro de Israel, Menachem Begin, e pelo Presidente do Egito, Anuar Sadat. Pelo acordo, o Egito reconhecia a existência do Estado de Israel, em contrapartida os israelenses devolviam a Península do Sinai para o Egito.

A evolução das forças em confronto foi profundamente influenciada pela Guerra Fria. Destarte, os equipamentos e armamentos militares israelenses procediam dos Estados Unidos, que os apoiavam; em contrapartida os árabes (principalmente Egito e Síria) adquiriam materiais militares da URSS. De modo geral, os equipamentos norte-



**GUERRAS ÁRABE-ISRAELENSES**  
**DADOS ESTATÍSTICOS APROXIMADOS**

**GUERRA DA INDEPENDÊNCIA DE ISRAEL**

País	Efetivo empregado	Mortos em combate
Israel	no início: 20 mil, no final 115 mil	4 mil
Egito	no início: 10 mil, no final 20 mil	Entre 10 e 15 mil
Iraque	no início: 5 mil, no final 18 mil	
Síria	no início: 2,5 mil, no final 5 mil	
Jordânia (Legião Árabe)	no início: 6 mil, no final 12 mil	
Líbano	no início: 1 mil, no final 2 mil	
Arábia Saudita	no início: 800, no final 1,2 mil	

**GUERRA DO SINAI**

País	Efetivo empregado	Mortos em combate
Israel	175 mil	197
Grã-Bretanha	45 mil	147
França	35 mil	53
Egito	70 mil	5,5 mil

**GUERRA DOS SEIS DIAS**

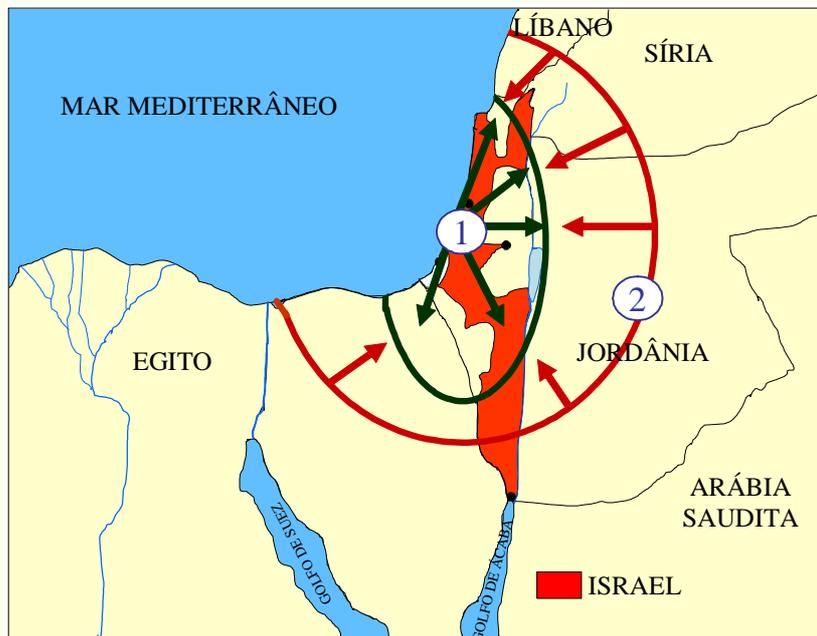
País	Efetivo Empregado	Mortos em Combate	Aeronaves Empregadas	Aeronaves Perdidas
Israel	264 mil	779	197	19
Egito	150 mil	21 mil	812	400
Síria	75 mil			
Jordânia	55 mil			

**GUERRA DO YOM KIPPUR**

País	Efetivo Empregado	Mortos em Combate	Aeronaves Empregadas	Aeronaves Perdidas	Carros-de-Combate	Carros-de-Combate Perdidos
Israel	415 mil	2,6 mil	561	102	1,5 mil	400
Egito	800 mil	8 a 35 mil	1,1 mil	432	4,5 mil	2,2 mil
Síria	150 mil					
Iraque	60 mil					

Fonte: <www.wikimedia.org> acesso em 05 set. 2007

## FORMA USUAL DE COMBATE DOS BELIGERANTES



O Estado de Israel faz fronteira a leste, norte e sul com países muçulmanos (a oeste é banhado pelo mar Mediterrâneo). Sendo assim, por ocasião de sua independência, o estado judeu viu-se praticamente cercado por inimigos. Tendo de se defender de ataques que poderiam vir, ao mesmo tempo, de diversas direções, os israelenses optaram por realizar manobras operacionais em linhas interiores (1) nas guerras que travaram contra seus vizinhos árabes (exceto na Guerra do Suez, quando realizaram manobras de ruptura e de flanco).

Nas manobras em linhas interiores, as forças armadas israelenses adotaram um comportamento defensivo em todos os setores, aos quais dispensavam a quantidade mínima de forças capazes de resistir ao ataque, à exceção de um, no qual atuavam ofensivamente, com o máximo de forças possíveis, tendo em vista aniquilar a força adversária local. Após derrotar o inimigo no setor em que agiram ofensivamente, os israelenses partiam com suas tropas vitoriosas para outra frente. Derrotada a força inimiga dessa frente, os israelenses seguiam para outra, até derrotar todos os adversários.

Os países árabes procuraram empregar manobras operacionais em linhas exteriores (2) para derrotar o Estado judeu. Para isso, buscaram convergir suas forças conjuntamente sobre Israel, o que foi realizado de forma descoordenada na maioria das vezes.

Nas batalhas resultantes das manobras operacionais, tanto os árabes como os israelenses procuraram combinar as ações de suas forças aéreas e terrestres.

Os israelenses souberam melhor do que seus inimigos coordenar as manobras operacionais e as ações combinadas do exército e da força aérea. Isso, aliado ao fato de defenderem uma área pequena e com boas comunicações internas, foi fundamental para que vencessem seus adversários.

americanos mostraram-se superiores aos dos soviéticos e os israelenses mostraram-se mais capacitados a empregar modernos equipamentos militares.

A organização da Força de Defesa Israelense teve origem na Guerra da Independência. As ações do Exército, Marinha e Força Aérea, que a compõem, são coordenadas por um estado-maior unificado, cujo chefe responde perante o Ministro da Defesa.

Todos os judeus do mundo, maiores de 18 anos, podem ingressar na FDI. Em Israel, o serviço militar é obrigatório, ou seja, todos os cidadãos israelenses (judeus ou não, inclusive as mulheres), física e mentalmente aptos, são obrigados a apresentar-se, aos 18 anos de idade, aos órgãos de recrutamento.

Os cidadãos do sexo masculino servem por um período de 3 anos. Depois, até os 40 anos de idade, passam a integrar unidades de reserva, na qual servem por um ou dois meses todos os anos (tempo que pode ser prorrogado em caso de necessidade).

Desse modo, não há uma linha divisória nítida entre civis e militares israelenses. Se desejar, os soldados podem seguir carreira militar, como praças ou oficiais. As mulheres servem por um período de 2 anos e a seguir ingressam em unidades da reserva, nas quais prestam serviço por determinados períodos até os 24 anos de idade. Os únicos cidadãos dispensados do serviço militar são os judeus ultraortodoxos.

O treinamento na FDI é rigoroso e valoriza o espírito de iniciativa. Em consequência, os soldados israelenses demonstraram elevado espírito de luta, habilidade e combatividade quando tiveram de lutar para defender a existência de Israel. Por outro

#### FORÇAS ISRAELENSES NA GUERRA DOS SEIS DIAS



## ARMAMENTOS

### MÍSSIL AT-3 SAGGER

O míssil AT-3 Sagger (1), produzido no início da década de 1960, na URSS, fez parte da primeira geração de armas teleguiadas. Era ligado por meio de fios a um “joystick”(2), o que permitia a quem o disparasse (3), por meio de sinais elétricos, orientar o míssil até seu objetivo. Tinha um alcance de 3.000 metros e foi utilizado nas guerra do Yom Kippur.



SOLDADO PRONTO  
PARA EMPREGAR O  
AT-3

lado, devido a características culturais, não se mostraram propensos a uma disciplina rígida.

Desde a sua criação, a FDI é equipada com uma grande variedade de armas e equipamentos, os mais modernos possíveis, procedentes dos Estados Unidos e da Europa. Israel preocupa-se, no entanto, em produzir seus próprios equipamentos militares, como o fuzil Galil 5,56mm e a metralhadora de mão UZI 9mm, que equipam a infantaria, e os carros-de-combate Merkava, utilizados pelas unidades blindadas.

As forças armadas dos Estados árabes que combateram Israel tinham diferentes organizações. As forças armadas do Egito, por exemplo, no início da década de 1950 tinham uma estrutura organizacional copiada dos ingleses. Nesse período eram marcadas pela incompetência, pouca combatividade e pela enorme diferença social entre oficiais e praças. A partir de 1954, Nasser procurou reformar as forças armadas. Para isso, tornou o serviço militar obrigatório e implementou medidas para melhorar a instrução e a disciplina da tropa. Procurou, ainda, incutir no soldado egípcio sentimentos nacionalistas e de aversão ao Estado de Israel.

Da época de Nasser até a década de 1980, o Exército Egípcio contava com equipamentos provenientes da URSS: fuzis AK-47, carros de combate T54/55, mísseis antiaéreos SAM e anticarro AT-3 Sagger, entre outros. Nos anos de 1980, começou a substituir os equipamentos militares soviéticos por outros, de origem predominantemente norte-americana.

Depois de 1973, não houve mais nenhuma guerra entre muçulmanos e judeus. No entanto, confrontos entre Israel e grupos de guerrilheiros tornaram-se comuns. Israel realizou diversas intervenções no Líbano para destruir bases de guerrilheiros que dali planejavam e realizavam ataques contra o Estado judeu. A principal delas ocorreu em 1982 e resultou em sangrentos combates entre forças israelenses, apoiadas por milícias locais cristãs, e membros da OLP, apoiados por sírios e libaneses muçulmanos. O conflito chegou ao fim no mesmo ano, quando os combatentes da OLP deixaram o Líbano sob a supervisão de uma Força Multinacional.

A partir de 1987, os israelenses passaram a fazer frente a distúrbios generalizados denominados “intifadas”, desencadeados por palestinos em territórios ocupados por Israel. Em face disso e de pressões internacionais, o Primeiro-Ministro israelense, Yitzhak Rabin, e o líder da OLP, Arafat, assinaram um acordo de paz em Oslo em 1993. Por este acordo, Israel concedeu autonomia política aos palestinos na Faixa de Gaza e em partes da Cisjordânia; em troca, a OLP reconheceu o direito de existência de Israel e deixou de apoiar ataques contra este país.

Em 1996, Arafat foi eleito presidente da Autoridade Nacional Palestina, instituição estatal semiautônoma, criada para administrar a Faixa de Gaza e parte da Cisjordânia. Grupos dissidentes, no entanto, continuaram a realizar atentados terroristas contra Israel que, em represália, contra-atacava, deixando o ambiente tenso.

A morte de Arafat em 2004 e a vitória, nas eleições palestinas de 2006, do Hamas, partido radical que não concorda com a existência de Israel, serviram para deixar o ambiente ainda mais tenso. O controle de Jerusalém, cidade considerada sagrada para muçulmanos, judeus e cristãos, e a questão de um Estado independente palestino, são problemas ainda não solucionados, que tornam difícil o estabelecimento de uma paz definitiva na Palestina.